

Capítulo 11 Em Síntese

Motivadores econômicos para a Amazônia do século XIX até a década de 1970



Gado e visto em área de fazenda próximo a floresta (Foto: Bruno Kelly/Amazônia Real)



THE AMAZON WE WANT
Science Panel for the Amazon

Motivadores econômicos para a Amazônia do século XIX até a década de 1970

Daniel M. Larrea-Alcázar^a, Nicolás Cuví^b, Judson F. Valentim^c, Luisa Diaz^d, Silvia Vidal^e, Germán Palacio^f

Mensagens Principais e Recomendações

- 1) Durante os séculos 19 e 20, demandas internacionais crescentes levaram a ciclos de expansão e declínio de vários produtos naturais, como *quina* e borracha. A mineração de ouro continuou e começaram as descobertas e perfurações de poços de petróleo, atividades que continuam até hoje. Alguns produtos deram lugar para outros, passando da *quina* para a borracha, e da borracha para a castanha-do-brasil.
- 2) A extração de recursos naturais sempre ocorreu com o apoio do governo e o patrocínio de investidores nacionais e estrangeiros. Essas indústrias se beneficiaram da mão de obra Indígena, frequentemente em condições de exploração e abuso. No início desse período, como nos séculos anteriores, os rios eram o meio de acesso à Amazônia, mas a partir do século 20, estradas e rodovias expandiram cada vez mais esse acesso.
- 3) Precisamos aprender com as experiências dos Povos Indígenas, que foram bem sucedidos em administrar, moldar e guardar os recursos naturais da região durante milhares de anos, bem como as comunidades locais. Desenvolver modelos econômicos que evitem práticas assimétricas de exploração, como a escravidão por dívida (peonagem), é um importante desafio.
- 4) Vários produtos andino-amazônicos geraram economias de enclave, com ciclos de expansão e declínio ao longo de vários séculos. As atividades econômicas devem ser realizadas de modo sustentável ao longo do tempo, garantindo o

bem-estar das comunidades amazônicas no longo prazo.

Resumo Este capítulo identifica os principais processos econômicos que ocorreram na Amazônia brasileira, andina e guianense, do século 19 até a década de 1970. Especificamente, o capítulo descreve a história do extrativismo e os efeitos da reconfiguração geopolítica da Amazônia depois do processo de emancipação ou descolonização. Ele analisa a extração da casca de quina (espécie do gênero *Chinchona*, Rubiaceae) e da borracha (*Hevea brasiliensis*, Euphorbiaceae), bem como as características resultantes e práticas desenvolvidas por atores sociais relacionados à economia local e regional. Também descreve a história e o surgimento da exploração de petróleo e minérios (principalmente ouro), incluindo o começo do tráfico de animais selvagens e o surgimento da agricultura mecanizada, pecuária intensiva e mega infraestrutura. Finalmente, existem oportunidades para o uso de “commodities históricas” da Amazônia, como a castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*, Lecythidaceae), com base na necessidade de agregar valor a esses produtos naturais. Essas oportunidades podem ser o alicerce de novos modelos baseados na chamada bioeconomia.

Introdução Ao longo dos dois últimos séculos, o petróleo, os minérios e a biodiversidade da Amazônia têm sido usados intensivamente de acordo com interesses econômicos nacionais e internacionais. Desde o início da década de 1960, a percepção predominante entre os governos

^a Asociación Boliviana para la Investigación y Conservación de Ecosistemas Andino-Amazónicos (ACEAA-Conservación Amazónica), Calle 16 #8230, Calacoto, La Paz, Bolivia, dlarrea@conservacionamazonica.org.bo

^b Departamento de Antropología, Historia y Humanidades, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO), Calle La Pradera E7-174 y Av. Diego de Almagro, Quito, Ecuador, ncuví@flacso.edu.ec

^c Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Acre, Brasil

^d Departamento Académico de Arqueología, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad Nacional Mayor San Marcos (UNMSM), Av. Carlos Germán Amezaga #375 Lima, Peru.

^e Universidad de Los Andes (ULA), Avenida 3, Independencia. Edificio el Rectorado. Mérida, Venezuela.

^f Universidad Nacional de Colombia - Sede Amazonia, Kilómetro 2 Vía Tarapacá Leticia, Amazonas, Colombia.

nacionais era de que os territórios amazônicos eram espaços vazios, “não utilizados”, com reservas formidáveis de recursos naturais (por ex.: minérios, petróleo, energia hidrelétrica, madeira, agricultura e plantas para uso farmacêutico e cosmético) e com sua soberania em risco¹⁻³. Este capítulo resume os principais processos históricos como motivadores econômicos que moldaram o cenário atual e a diversidade dos sistemas socioecológicos na Amazônia.

A economia de extração da quina Historicamente, a quina, ou cascarilla, eram os nomes mais comuns para as plantas do gênero *Cinchona*, e algumas dos gêneros *Remijia* e *Ladenbergia*, cujas cascas têm propriedades medicinais, incluindo o poder de prevenir e tratar a malária⁴. A casca de *Cinchona* contém quatro principais alcaloides medicinais: cinchonina, cinchonidina, quinidina e quinina, sendo essa última a mais importante. Cada espécie tem diferentes concentrações de alcaloides, que podem variar até dentro da mesma espécie, de acordo com local, altitude, tipo de solo, idade da árvore e tempo de colheita. Como muitos outros produtos históricos e contemporâneos, as quinas conectam os Andes e a Amazônia ao mundo em diferentes períodos, cuja história é formada por controvérsias religiosas, comerciais e científicas.

As quinas foram fundamentais para abrir passagens nas montanhas na direção da Amazônia, além de fortalecer as já existentes, motivando a migração de locais e estrangeiros para a Amazônia. Isso também mudou as rotas de transporte, que já não acontecia exclusivamente através dos Andes e de portos como Callao, Guayaquil ou Cartagena, mas também através da Amazônia, via Iquitos ou Manaus, incentivando as econômicas locais.

A economia de extração da borracha Embora os nativos da Bacia Amazônica tenham mostrado aos europeus o uso de produtos da borracha desde a sua chegada, no século 16, foi com a descoberta da vulcanização em 1839 que seu uso industrial foi multiplicado e a demanda aumentou grandemente. Embora a produção de borracha (“as árvores que produzem ouro”⁵) tenha ocorrido em um grande

número de países que formam a Amazônia, sua história está ligada especialmente às planícies da Colômbia, Brasil, Peru e Bolívia.

Uma economia de extração baseada na borracha completou a integração da Amazônia na economia mundial; contudo, ela dependia fortemente das atividades em declínio da quina, investimento de capital estrangeiro e de um sistema de barracas que foi gradualmente consolidado e persistiu durante décadas. Foi também profundamente afetada, mais tarde, pelos processos de reforma agrária, especialmente no Brasil, Peru e Bolívia, que reorganizaram o acesso a recursos florestais e redistribuíram a terra.

Outras "commodities" da Amazônia: animais selvagens e produtos não madeireiros Em tempos pré-hispânicos, povos ameríndios de todo o continente americano comerciavam a flora e a fauna da Amazônia, com os povos amazônicos administrando a biodiversidade e a conservação^{6,7}. No entanto, no século 19 os processos de globalização e a promoção de modelos econômicos de extração desequilibraram a balança, com impactos negativos sobre ecossistemas e populações locais.

Uma enorme quantidade de animais selvagens da região Amazônica foi exportada para os Estados Unidos, Europa e Ásia, para atender a demanda comercial por couro, peles e penas, entre outros produtos. Isso levou à extinção de várias espécies nativas e deixou outras espécies sob ameaça. Os oito países amazônicos listam oficialmente as espécies ameaçadas da flora e da fauna, que somam mais de 12.000 espécies nativas,⁸ incluindo cedros, mognos, palmeiras, trepadeiras, cipós, orquídeas, répteis, aves, mamíferos, peixes e sapos. Essas espécies são procuradas com fins industriais (alimentos, cosméticos, têxteis, moda, móveis), medicinais (farmacêuticos) e ornamentais, bem como para o mercado de animais exóticos de estimação.

Embora os governos nacionais tenham promulgado leis e medidas legais tenham sido tomadas para reduzir a pressão sobre a biodiversidade nativa, como a criação de reservas florestais e áreas de

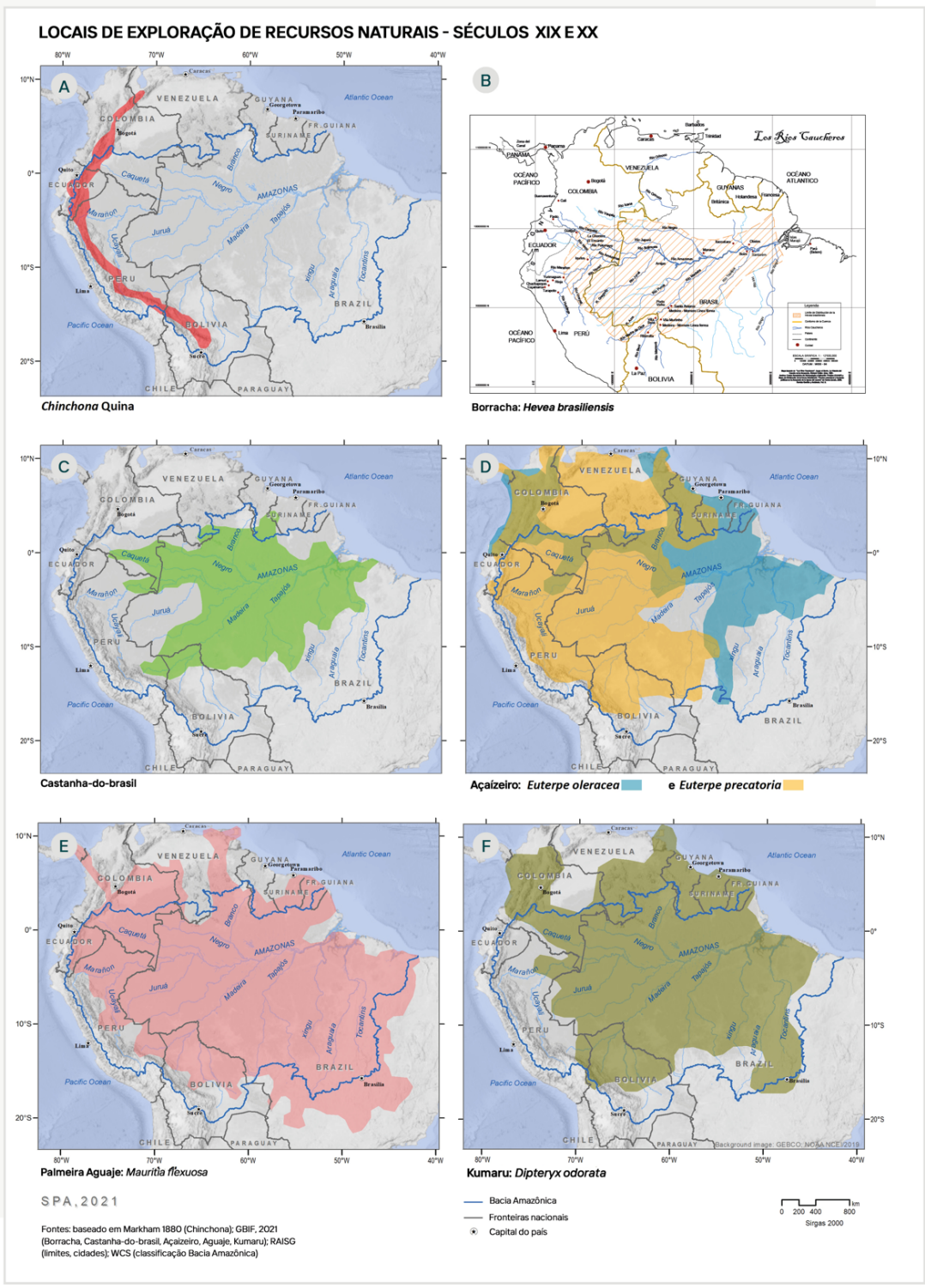


Figura 11.1 Distribuição geográfica dos recursos amazônicos explorados durante os séculos 19 e 20^{18 19 20 21}.

proteção, a extração lucrativa, descontrolada e ilegal de vida selvagem persiste⁹⁻¹¹.

Mineração de ouro Os rumores sobre a imensa riqueza natural da Amazônia começaram com as primeiras viagens europeias de conquista¹²⁻¹⁴. Vários europeus confirmaram a existência de depósitos de minérios metálicos e não metálicos, incluindo ferro, ouro, níquel, prata, coltan, tório, argila, areia, calcário, bauxita, diamante, quartzo, jade, titânio, dolomita, fosfato, granito, gesso, zinco e cobre¹⁵. Hoje, a mineração legal e ilegal de ouro coexistem na Amazônia e a legislação relacionada têm sido significativamente alterada ao longo dos anos.

Os habitantes originais da Amazônia praticavam formas artesanais de mineração, embora ela não levasse à destruição ambiental. Os ancestrais dos ameríndios amazônicos de hoje tinham conhecimento especializado em metalurgia. Eles usavam ouro, prata, cobre e ligas desses metais; faziam esculturas de adoração; figuras geométricas, antropomórficas e zoomórficas; e finas folhas de ouro que eram usadas como moeda^{16,17}.

Petróleo e gás O petróleo influenciou grandemente as economias amazônicas durante o século 20 e foi essencial na consolidação dos processos anteriores, que começaram com a extração de quina, borracha e outros produtos. Na América Latina, o petróleo está associado a fortes sentimentos de nacionalismo econômico. O debate político tem sido dominado tanto por críticos quanto defensores do investimento estrangeiro e da participação de corporações multinacionais, enquanto que, do lado das políticas, os governos têm experimentado e passado de arranjos de portas abertas para a nacionalização ou expropriação de bens pertencentes a estrangeiros²².

A exploração de petróleo na Amazônia ocorre desde o século 19. Contudo, deslanchou na década de 1920, nas planícies bolivianas (Oriente)²³, em 1936 na Orinoquia venezuelana, na década de 1940 na Amazônia colombiana, na década de 1960 no Oriente equatoriano e na década de 1980 no Peru. O

Brasil tem sido um grande consumidor, mas um produtor menor. Esses processos foram marcados pela intervenção de empresas internacionais, às vezes com a participação de empresas domésticas, e sempre em associação com as elites nacionais.

Criação intensiva de gado Desde a década de 1960, a pecuária tem sido um importante motivador para o desmatamento intenso^{1,24}. Outros motivadores incluem a construção de estradas e programas de ocupação patrocinados pelos governos. Em toda a América Latina, a expansão da pecuária desde meados do século 19 envolveu grandemente a transformação de florestas em pastos cultivados²⁵. Essa transformação ambiental foi acelerada no início da década de 1960, quando os governos nacionais implementaram políticas para integrar os territórios amazônicos com o restante dos territórios nacionais.

Os extensos sistemas de criação de gado também se tornaram uma estratégia importante para que posseiros e especuladores convertessem florestas em pastos cultivados e reivindicassem como suas, terras públicas não regulamentadas^{1,26}, um processo que até hoje continua sendo um importante motivador para o desmatamento²⁷.

Apesar de ser lucrativa, a criação de gado na Amazônia durante a década de 1960 enfrentou vários problemas, como a rápida e extensa degradação dos pastos, a falta de experiência técnica e administrativa entre os criadores, e os serviços de assistência técnica insuficientes e inadequados^{28,29}. As preocupações nacionais e internacionais sobre os índices crescentes de desmatamento no final da década de 1970 levou a uma crescente pressão sobre os governos para que mudassem os programas de incentivo que encorajavam a pecuária e a agricultura na Amazônia^{24,26}.

Grandes estradas e plantas hidrelétricas Depois da Segunda Guerra Mundial, houve uma redução gradual das políticas que promoviam a extração de um suprimento constante de recursos naturais estratégicos da Amazônia³⁰. Com algumas exceções,

o foco voltou-se para o fornecimento de auxílio financeiro e a implementação de proteções comerciais deliberadas para estruturas de industrialização lideradas pelos estados³¹. Dois requisitos principais para a industrialização eram as melhorias na infraestrutura de transporte e o fornecimento regular de energia a baixo custo.

No Brasil, cerca de cem represas hidrelétricas foram construídas na década de 1950, 103 na década de 1960 e 151 na década de 1970. Contudo, a construção de barragens nos rios amazônicos provocou conflitos entre desenvolvedores, oficiais do governo, populações Indígenas e ambientalistas³². A construção de estradas também foi um método-chave para que os governos nacionais garantissem a soberania e a integração dos territórios amazônicos nas economias nacionais. O Brasil começou a implementar uma impressionante política de construção de rodovias no início da década de 1950, que foi acelerada depois do golpe militar de 1964. Várias dessas rodovias, como a Transamazônica (BR-230), a BR-163 e a BR-319, ainda estão em construção e expansão, gerando preocupações sobre suas consequências ambientais e socioeconômicas^{24,33,34}. Isso é particularmente relevante considerando que a densidade das estradas em um município está associada com maior migração humana e desmatamento naquele município, além de efeitos colaterais similares em municípios vizinhos³⁵.

Conclusões A demanda por matérias-primas de mercados externos, localizados nas nações industrializadas do norte do globo, motivaram os ciclos econômicos da Amazônia entre os séculos 19 e 20. Eles fizeram parte de processos geopolíticos e geográficos que levaram à emergência e consolidação das repúblicas da América Latina. Foram caracterizados por diferentes níveis de participação dos governos, mas todos resultaram no surgimento de elites poderosas, e na desumanização das populações Indígenas e comunidades locais, que eram vistas como mão de obra barata ou até gratuita. Esses processos de extração continuam até hoje, com produtos, em

especial carne, petróleo e soja, sendo produzidos para exportação.

A Amazônia testemunhou ciclos de ascensão e queda na exploração de matérias-primas, que moldaram diversas estruturas sociais, econômicas e espaciais, às vezes em detrimento de arranjos territoriais anteriores. Produtos como a cinchona e a borracha levaram à abertura de vias fluviais, estradas, assentamentos e cidades, bem como à migração. Expansões econômicas atraíram migrantes que gradualmente ocuparam os territórios, quase sempre em detrimento das populações ancestrais.

Existem duas grandes continuidades dentro da economia extrativista do século 19 até 1970: 1) um sistema neocolonial ou pós-colonial derivado da extração de matérias-primas, baseado em mão de obra barata contratada ou escravizada, para exportação, e 2) a administração de florestas de planícies e antigas savanas tropicais pelos Povos Indígenas, afrodescendentes e, em alguns casos, camponeses. Sem identificar, reavaliar e adotar as importantes contribuições do conhecimento e das práticas Indígenas para a administração da Amazônia, e mudar para um modelo econômico baseado em sua extraordinária biodiversidade (bioeconomia), a região continuará a sofrer com o legado do sistema colonial, o que hoje implica na destruição irreversível das florestas e outros ecossistemas amazônicos.

Referências

1. Fearnside, P. M. Causes of deforestation in the Brazilian Amazon. *Geophys. Amaz. Veg. Clim. Interact.* 37–61 (1987).
2. Hecht, S. B. The new Amazon geographies: Insurgent citizenship, “Amazon Nation” and the politics of environmentalisms. *J. Cult. Geogr.* **28**, 203–223 (2011).
3. Clement, C. R. *et al.* The domestication of Amazonia before European conquest. *Proc. R. Soc. B Biol. Sci.* **282**, 20150813 (2015).
4. Achan, J. *et al.* Quinine, an old anti-malarial drug in a modern world: role in the treatment of malaria. *Malar. J.* **10**, 1–12 (2011).
5. Zeitum Lopez, S. *Amazonia Boliviana. Introducción al Estudio de la Temática Norteamazonica.* (Impresores Producciones Gráficas Visión, La Paz, 1991).
6. Chernela, J. Indigenous fishing in the neotropics: The Tukanoan Uanano of the blackwater Uaupés River basin in

- Brazil and Colombia. *Interciencia* **10**, 78–86 (1985).
7. Zent, S. Independent yet Interdependent “Isode”: the historical ecology of traditional Piara settlement pattern. *Adv. Hist. Ecol. Columbia Univ. Press* (1998).
 8. Sinovas, P., Price, B., King, E., Hinsley, A. & Pavitt, A. *Wildlife Trade In The Amazon Countries: An analysis of trade in CITES listed species*. (2017).
 9. Mayor, P., Santos, D. & López-Béjar, M. *Sostenibilidad en la Amazonía y Cría de Animales Silvestres*. (2007).
 10. Mancera, N. & Reyes, O. Comercio de fauna silvestre en Colombia. *Rev. Fac. Nal. Agr. Medellín* **61**, 4618–4645 (2008).
 11. Freitas Cordova, J. D. & Vasquez, P. Diagnóstico De La Comercialización Internacional De Fauna Silvestre En Loreto, Perú. *Folia Amaz.* **27**, (2019).
 12. Simón, P. *Noticias historiales de las conquistas de Tierra Firme en las Indias Occidentales*. (M. Rivas, 1882).
 13. Rivero, J. . *Historia de las Misiones de los Llanos de Casanare y los Ríos Orinoco y Meta*. (Silvestre y compañía, 1883).
 14. Whitehead, N. *Lords of the Tiger Spirit. A history of the Caribs in Colonial Venezuela and Guyana*. (Dordrecht and Providence, Foris Publications, 1988).
 15. Martiz, M. Sector Minero. Empresas propiedad del Estado en Venezuela. in *La Sangrienta Fiebre del Oro. Pranes, guerrilla y militares* (Transparencia, Venezuela., 2019).
 16. Whitehead, N. L. The Mazaruni Pectoral: A Golden Artefact Discovered in Guyana and the Historical Sources Concerning Native Metallurgy in the Caribbean, Orinoco and Northern Amazonia. *J. Archaeol. Anthropol.* **7**, 19–38 (1990).
 17. Whitehead, N. Los Señores de los Epuremei. Un examen de la transformación del comercio y la política Indígenas en el Amazonas y Orinoco, 1492-1800. *Etnohist. del Amaz.* 255–286 (1991).
 18. Markham, C. The Cinchona regions of South America, 19th century. (1880).
 19. GBIF. Global Biodiversity Information Facility. (2021).
 20. Venticinque, E. *et al.* An explicit GIS-based river basin framework for aquatic ecosystem conservation in the Amazon. *Earth Syst. Sci. Data* **8**, 651–661 (2016).
 21. RAISG. *Amazonia Under Pressure*. (© Amazonian Network of Georeferenced Socio-environmental Information, 2020).
 22. Bucheli, M. Major trends in the historiography of the Latin American oil industry. *Bus. Hist. Rev.* 339–362 (2010).
 23. Klein, H. S. American oil companies in Latin America: the Bolivian experience. *Inter. Am. Econ. Aff.* **18**, 47–72 (1964).
 24. Valentim, J. & Vosti, S. The Western Brazilian Amazon. in *Slash-and-burn agriculture: the search for alternatives*. (Columbia University Press, 2005).
 25. Van Ausdal, S. Pasture, profit, and power: An environmental history of cattle ranching in Colombia, 1850–1950. *Geoforum* **40**, 707–719 (2009).
 26. Hecht, S. B. Deforestation in the Amazon Basin: magnitude, dynamics and soil resource effects. *Stud. Third World Soc.* **13**, (1980).
 27. Stabile, M. C. C. *et al.* Solving Brazil’s land use puzzle: Increasing production and slowing Amazon deforestation. *Land use policy* **91**, 104362 (2020).
 28. Valentim, J. F. *Mais pastagens, menos devastação: tecnologia permite redução de queimadas na formação de pastagens*. Embrapa (Caderno de Cultura, 1989).
 29. Valentim, J. F. & de Andrade, C. M. S. O desafio da pecuária extensiva sustentada. *Embrapa Acre-Artigo em periódico indexado* (2005).
 30. McCann, F. D. Brazil and World War II: The Forgotten Ally. What Did You Do in the War, Zé Carioca? *Estud. Interdiscip. Am. Lat. y el Caribe* **6**, 35–70 (1995).
 31. Brando, C. The political economy of financing late development: credit, capital and industrialisation; Colombia 1940–67. (The London School of Economics and Political Science (LSE), 2012).
 32. Von Sperling, E. Hydropower in Brazil: overview of positive and negative environmental aspects. *Energy Procedia* **18**, 110–118 (2012).
 33. Laurance, W. F., Goosem, M. & Laurance, S. G. W. Impacts of roads and linear clearings on tropical forests. *Trends Ecol. & Evol.* **24**, 659–669 (2009).
 34. Moran, E. F. Roads and dams: infrastructure-driven transformations in the Brazilian Amazon. *Ambient. & Soc.* **19**, 207–220 (2016).
 35. Pfaff, A. *et al.* Road investments, spatial spillovers, and deforestation in the Brazilian Amazon. *J. Reg. Sci.* **47**, 109–123 (2007).